blimunda 83/84

festival da poesia

língua

MENSAL ABRIL-MAIO 2019 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

Editorial
AJUDAR MOÇAMBIQUE

Leituras
SARA FIGUEIREDO COSTA

Estante
ANDREIA BRITES E
SARA FIGUEIREDO COSTA

ALFAR-RÁBIOS DE ABRIL

felpo
RICARDO VIEL

A casa da Andrea
ANDREA ZAMORANO

BIBLIOTECA: LUGAR PARA SER LIVRE
ANDREIA BRITES

And the winner is...
ANDREIA BRITES

Espelho meu
ANDREIA BRITES

FERVOR DE SARAGOÇA
MANUEL VILAS

AGENDA

Epígrafe
JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 83-84 abril-maio 2019

DIRETOR
Sérgio Machado Letria
EDIÇÃO E REDAÇÃO
Andreia Brites
Ricardo Viel
Sara Figueiredo Costa
REVISÃO
FJS
DESIGN
Jorge Silva/silvadesigners

Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO
Fundação José Saramago
NIPC
508 209 307
SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO
Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa - Portugal
blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org
N. registo na ERC 126 238
Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

**Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos**

Onde estamos
Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here
Metro Subway
Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb
Mon to Sat
10-18h
10 am to 6 pm

EDITORIAL
AJUDAR MOÇAMBIQUE

No ano 2000 parte de Moçambique foi devastada por severas cheias. Mia Couto, ao ver a dimensão da tragédia, lançou um apelo à comunidade internacional para que ajudassem na recuperação do país. Quase de imediato recebeu um telefonema de José Saramago, dizendo: «Diz-me apenas o que tenho que fazer», disse-lhe, sem rodeios, o português. «No instante seguinte, tinha transferido 25 mil dólares para uma conta que passaria a ser auditada por uma agência financeira internacional. Outros escritores lhe seguiram o exemplo. No final, havia dinheiro para erguer um centro de saúde em Chivonguene, nas margens do rio Limpopo», recorda o moçambicano.
Em março deste ano um ciclone atingiu Moçambique deixando um rasto de centenas de vítimas e muito destruição. Na Fundação José Saramago, perguntámo-nos, o que podemos fazer? Contactada a Porto Editora, acordou-se, com as herdeiras do escritor, fazer uma edição especial de ***O conto da ilha desconhecida*** para angariar fundos a favor das vítimas do ciclone Idai. À iniciativa somaram-se as livrarias Bertrand, Fnac e uma séries de livreiros independentes. E assim se criou uma rede para que todos os que queiram ajudar Moçambique com a compra de uma edição ilustrada de O conto da ilha desconhecida o possam fazer. Toda a verba conseguida com a venda dos exemplares será destinada à Operação Embondeiro da Cruz Vermelha Portuguesa.
Conta Mia Couto que alguns meses depois daquele telefonema José Saramago visitou Moçambique. No final da visita, o escritor soube que nome fora dado ao centro de saúde que ajudara a levantar. «O ministro que o acmpanhava informou, quase displicente: 'Chama-se Levantado do Chão.' Saramago parou, fulminado pela emoção. Gaguejou, baralhando letras e palavras. Por fim, confessa, em suspiro: 'Caramba, homem, você comoveu-me!'».
Nossa dívida para com o povo moçambicano é enorme. Faremos o que estiver a nosso alcance para ajudá-los.

As cartas de Gabriela Mistral

Pienso que esa manera de tratarla como madre y como maestra, es completamente reduccionista y absurda, una manera de sacarla de lo que fue, poéticamente hablando y como pensadora.

Nascida há 130 anos, no Chile, Gabriela Mistral foi a única mulher latino-americana a ser galardoada com o Prémio Nobel da Literatura (em 1945). A correspondência que trocou com escritores, artistas e outros intelectuais tem vindo a ser publicada, vindo agora a lume o segundo volume deste trabalho de edição, coordenado por Silvia Guerra e Verónica Zondek. Numa entrevista ao periódico argentino *Clarín*, Silvia Guerra fala da autora de *Nubes Blancas y Breve Descripción de Chile*:

«En Chile, y no sólo en Chile, se construyó una Gabriela Mistral de espaldas al feminismo, y al lesbianismo, del que ya no caben dudas. ¿Influyó para ser convertida en una poeta tan canónica el sacrificio de negar su disidencia?

Sí, claro. Pero esa manera de volverla canónica fue totalmente en su contra. Yo no creo que todavía esté reconocida como el genio que creo que fue. Pienso que esa manera de tratarla como madre y como maestra, es completamente reduccionista y absurda, una manera de sacarla de lo que fue, poéticamente hablando y como pensadora. Ella fue la primera mujer diplomática chilena. Así que el que se dio de su imagen, es un tratamiento nada inocente. A las mujeres, de una manera o de otra se nos ha tratado de restringir. Su posteridad ha sido mucho más magra de lo que debería haber sido. Creo que ahora no, que las feministas chilenas de los '80, entre ellas Verónica Zondek, Elvira Hernández, Soledad Fariña, han construido una mirada no canónica, que no es ni de maestra ni de madre frustrada. Y sí por supuesto que su lesbianismo ha sido escondido, hasta la constatación con las cartas de Doris Dana. Gabriela no se declaró feminista porque creo que había una incomodidad con las feministas chilenas de su época, pero el pensamiento y el acionar son cosas para analizar, porque tienen una vigencia extraordinaria.

(...)

Siempre existe la idea de que los escritores escriben cartas o diarios íntimos para sí mismos, o para ese otro interlocutor, o lo hacen para la posteridad, ¿qué sensación te da a vos con las cartas de Gabriela?

La correspondencia entre escritores tiene un mundo, o submundo, que no encontrás en ninguna otra parte. Creo que los escritores en esos epistolarios, escribían para un futuro ojo que los fuera a leer, no creo que fueran completamente ajenos a eso. Pero por otro lado también se dicen una serie de cosas de carácter más íntimo.» ▶

Ofício da tradução

La traducción, gesto político y filosófico que hace realidad el ideal de unión y comprensión más allá de las fronteras lingüísticas, es una herramienta de resistencia (y de reflexión) contra el pensamiento homogeneizado.

A propósito da celebração do Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor, o *El País* publicou um texto de Marta Rebón sobre a tradução, um dos elos essenciais desta complexa cadeia que é o livro e os seus muitos modos de chegar aos leitores. «Gracias a los traductores, podemos acceder a esas obras en nuestra propia lengua, diferente de aquella en la que se expresaron originariamente», escreve a autora e também tradutora. «La traducción, gesto político y filosófico que hace realidad el ideal de unión y comprensión más allá de las fronteras lingüísticas, es una herramienta de resistencia (y de reflexión) contra el pensamiento homogeneizado.» E, mais adiante, Marta Rebón refere diferentes abordagens ao processo de traduzir – entre a fidelidade ao original ou a fluidez na língua de chagada – sublinhando que a tradução é, também, uma forma de criação literária: «Toda traducción ensancha la lengua de destino, pues integra nuevas maneras de decir y pensar. Es un viaje hacia lo otro y el otro. Según el editor Roberto Calasso, una buena traducción no se reconoce por su fluidez, al contrario de lo que se suele afirmar, sino por todas las fórmulas insólitas y originales que el traductor ha tenido el valor de conservar y defender. Aun así, en nuestro mundo plurilingüe, a menudo se sigue viendo al traductor como sospechoso de alta traición por atreverse a verter títulos extranjeros en su lengua con la aspiración de reproducir los matices del original. ¿Qué debía pensar uno de nuestros mejores traductores, el gran Miguel Sáenz, cuando trajo al español la contundente opinión de Thomas Bernhard acerca de que "un libro traducido es como un cadáver mutilado por un coche hasta quedar irreconocible"? Hay otros escritores que, a diferencia del austriaco y sus acólitos, han ensalzado el arte de traducir. Borges decía que, en realidad, es el texto original el que es infiel a la traducción. Esta aparente ocurrencia resume una poética de este oficio que, en lugar de priorizar la correspondencia palabra por palabra, lo entiende como un ato de creación literaria. De hecho, Borges, en su currículo, anteponía sus traducciones a su obra original. Nabokov, por su parte, colocaba su versión al inglés de Eugenio Oneguin, de Pushkin, en la cúspide de su aportación a las letras universales.» ▶

Hip Hop em quadradinhos

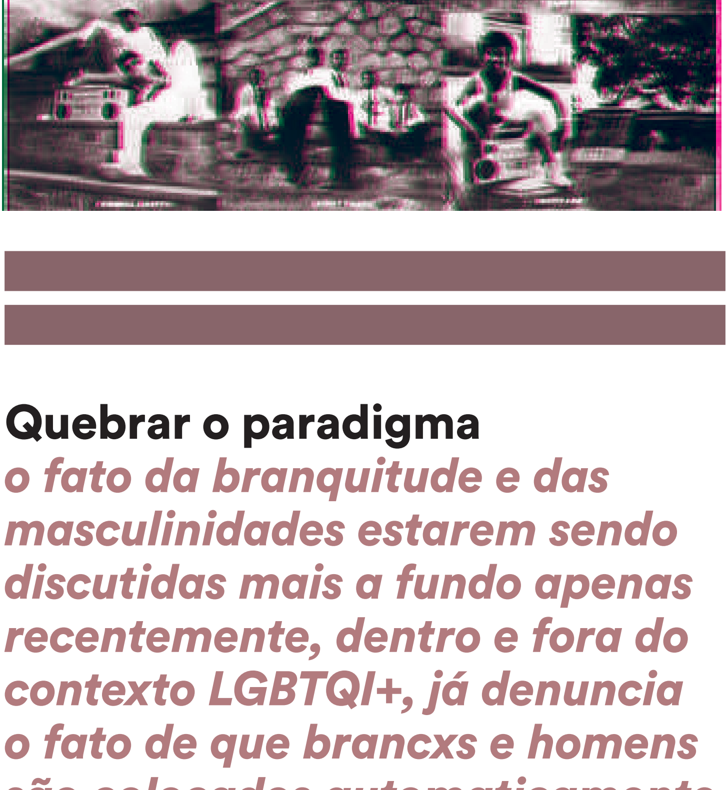
Em São Paulo, no começo dos anos 1980, a novidade norte-americana já reverberava. As rodas de break chamavam a atenção na Galeria 24 de maio, e o pernambucano Nelson Triunfo, com sua indefectível cabeleira, já era conhecido no rolê.

A editora brasileira Veneta prepara o lançamento de *Hip Hop Genealogia 2*, um livro que dá sequência à história do hip hop contada em banda desenhada por Ed Piskor.

No site da editora, o jornalista Ramiro Zwetsch escreve sobre o livro, contextualizando o surgimento e o desenvolvimento do hip hop à luz das mudanças culturais, sociais e políticas que o acompanham e motivam e transpondo o impacto desta cultura musical para o Brasil:

«Em São Paulo, no começo dos anos 1980, a novidade norte-americana já reverberava. As rodas de break chamavam a atenção na Galeria 24 de maio, e o pernambucano Nelson Triunfo, com sua indefectível cabeleira, já era conhecido no rolê. Mais tarde, a movimentação se transferiu para os arredores do Metrô São Bento e foi por lá que a cena amadureceu. Entre os frequentadores estavam a dupla pioneira do rap nacional Thaíde & DJ Hum e os grafiteiros OsGemeos. Quando não havia dinheiro para comprar pilhas para o rádio estilo boombox que soltava a música pra rapaziada dançar, o jeito era batucar nas latas de lixo espalhadas pela estação. "Para isso, eu fiz uso da minha experiência com atabaque, que aprendi a tocar no candomblé", conta o rapper Thaíde em sua autobiografia, *Pergunte a Quem Conhece* (Hedra, 2004).

O ano de 1988 é o marco-zero para a discografia brasileira de rap. Três coletâneas foram lançadas, curiosamente todas entre novembro e dezembro. *Hip Hop Cultura de Rua* vendeu 25 mil cópias na época (índice interessante para um disco independente, com artistas até então desconhecidos) e o sucesso da música "Corpo Fechado" garantiu um contrato com a gravadora Eldorado para Thaíde & DJ Hum – no ano seguinte, eles lançariam seu primeiro disco inteiramente com repertório próprio, *Pergunte a Quem Conhece*. O Som das Ruas revelou artistas como Sampa Crew e Ndee Naldinho. Já *Consciência Black* registra a primeira gravação dos Racionais MC's, com a faixa "Pânico na Zona Sul". O resto é história: o rap nacional já acumula 30 anos de estrada, alguns discos se tornaram clássicos da música brasileira (como *O Rap é Compromisso*, do Sabotage, de 2000) e hoje o gênero se reinventa pelas mãos e vozes de artistas como Criolo e Karol Conka.» ▶



Quebrar o paradigma

o fato da branquitude e das masculinidades estarem sendo discutidas mais a fundo apenas recentemente, dentro e fora do contexto LGBTQI+, já denuncia o fato de que brancxs e homens são colocados automaticamente como padrão.

O paradigma que apresenta o homem branco como referência para a produção de pensamento continua a ser desafiado, e por cada vez mais vozes, dentro e fora da academia. No Brasil, a escritora mineira Cecília Floresta assina um texto, na *Revista Cult*, cujo início reflete essa vontade de quebrar o modelo vigente e, mais do que isso, refletir sobre a sua pouca representatividade e a necessidade de ampliar os mundos que compõem o mundo: «Quando fui convidada a escrever este artigo, minha surpresa não foi pouca por alguns motivos. Sou uma sapatão preta, candomblezeira, filha e neta de alagoanas, cria da periferia da zona oeste de São Paulo. E embora disserte aqui de maneira fluida a respeito das identidades que me atravessam, nem sempre foi assim, principalmente porque, quando em raras ocasiões falava, eu não era ouvida quanto menos lida naquela época em que decidi espalhar minhas ideias por aí. Uma pessoa como eu precisa ter coragem pra adentrar certos ambientes e não calar diante de determinadas situações, e eu devo a minha ousadia àquelas muitas que vieram antes de mim e às que se encontram hoje ao meu lado, que lutaram e lutam avidamente pra que eu estivesse aqui, ocupando este espaço com o fim de elevar algum tom em nossas vozes.» Não se trata, ao contrário do que alguns delatores dos movimentos feminista e LGBTQ+ querem fazer crer, de uma luta entre géneros, orientações sexuais, cores de pele, mas sim de reclamar o espaço constantemente negado – na academia, sim, mas em todas as outras vertentes sociais e de pensamento – a todas as vozes que não cumpram o paradigma: «(...) pensar a questão da branquitude e das masculinidades poderia elucidar perfeitamente a minha "escolha política e estética", como bem assinalou a Natalia Borges Polesso em seu artigo "Eu escritora, eu lésbica". Aliás, o fato da branquitude e das masculinidades estarem sendo discutidas mais a fundo apenas recentemente, dentro e fora do contexto LGBTQI+, já denuncia o fato de que brancxs e homens são colocados automaticamente como padrão, não sendo passíveis de questionamentos ou mesmo discussões sobre ser brancx ou homem e os desdobramentos dessas identidades, o que abre espaço, inclusive, para uma criação literária fluida e livre de contestações. Ao mesmo tempo, figuras insurgentes se veem sistematicamente cobradas a respeito de posicionamentos políticos a fins com nossas identidades, o que se estende à literatura que produzimos, enclausurando nossos pensamentos e narrativas em favor da heteronorma branca. E como tão variadas são as insurgências que caminham contra a hegemonia literária com a qual ainda nos deparamos nos catálogos editoriais e âmbitos literários, pra tratar as nuances próprias dessas literaturas insurgentes, aqui também faço a escolha política e estética de trilhar caminhos que se cruzem com os meus próprios passos.» ▶

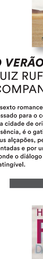
ANDREIA BRITES
SARA FIGUEIREDO COSTA

PINTADO COM O PÉ
DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA
RELÓGIO D'ÁGUA

Dois ensaios inéditos («Insperabilidade» e «Amadores») e vários textos dispersos da autora de *Esse Cabelo* e *Luanda Lisboa Paraíso* reunidos num mesmo volume. Crónicas, contos e outros registos, quase todos publicados originalmente entre 2013 e 2019.

COMO COZINHAR UMA CRIANÇA
AFONSO CRUZ
ALFAGUARA

Nesta breve peça de teatro o ato de cozinhar serve de pretexto para um confronto entre o sentido figurado e o literal. Ultrapassando o recurso e chegando à sua validade, atinge-se um mais elevado nível de conhecimento e sensibilidade. O cozinheiro um reclama o pessimismo e a ordem enquanto o cozinheiro dois defende a experimentação, a mistura de ingredientes muito diferentes e o aprimorar dos sentidos.



SALAZAR E OS FASCISMOS
FERNANDO ROSAS
TINTA DA CHINA

Uma análise sobre os fascismos na Europa, com destaque para o contexto português e para o governo de Salazar. «O fascismo não cai do céu aos trambolhões. Não é um clube político fruto do 'espírito do tempo', ou uma ideia na moda. Não é um produto maléfico saído da psique perturbada de alguns chefes, não é a expressão de características específicas de certos povos ou etnias [...] O grande cenário para a emergência dos fascismos na Europa é a crise do sistema liberal.»

O VERÃO TARDIO
LUIZ RUFFATO
COMPANHIA DAS LETRAS

O sexto romance de Luiz Ruffato traz o embate com o passado para o centro da narrativa. O regresso de Osélias à sua cidade de origem, depois de mais de duas décadas de ausência, é o gatilho para uma viagem pela memória e os seus alçapões, pelas histórias de família nunca claramente contadas e por um momento social e político — o presente — onde o diálogo parece cada vez mais uma miragem inatingível.

FILHO DA MÃE
HUGO GONÇALVES
COMPANHIA DAS LETRAS

Uma viagem pela geografia física e da memória compõe esta narrativa, que regista o gesto de resgatar o passado do narrador e a sua relação com a mãe, cuja morte abalou a infância de quem escreve e se fez marco de chumbo a definir os avanços e recuos dos anos seguintes.

AÍ VEM O HÉRCULES!
STELLA TARAKSON
E NICK ROBERTS
BERTRAND EDITORA

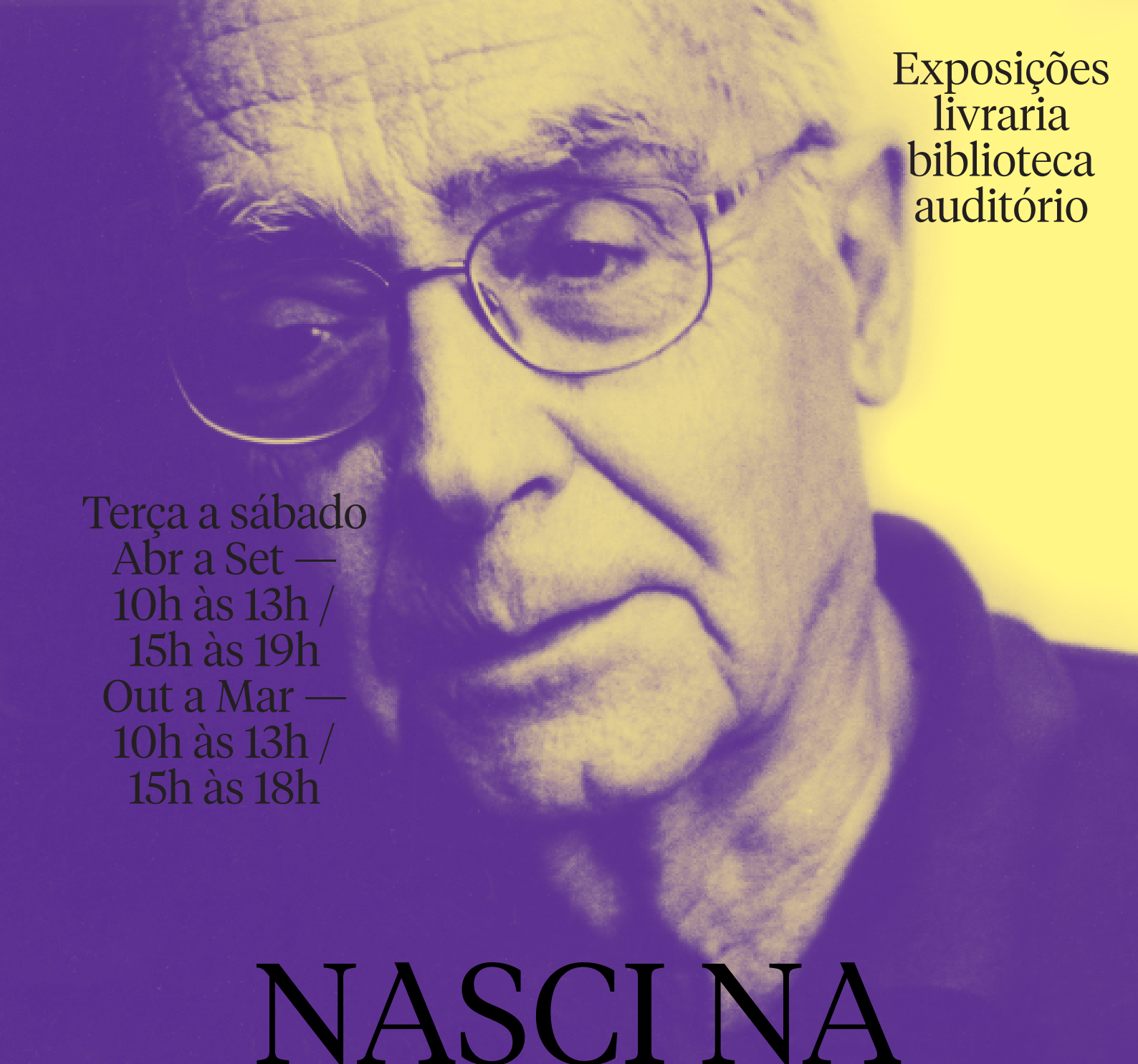
Tim é um rapaz normal que tem de colaborar nas tarefas domésticas. Num trágico acidente parte uma peça de antiquário, de incalculável valor afetivo e considerável valor monetário. Como uma desgraca nunca vem só, liberta Hércules, o semideus grego, de uma prisão de milhares de anos. A comunicação entre ambos não é fácil mas o pior de tudo é a ausência de sentido do real de Hércules, que faz disparates uns atrás dos outros. Este é o primeiro título da coleção que se espera de leitura acessível e divertida para os mais novos.

O COALA QUE FOI CAPAZ
RACHEL BRIGHT
E HUM FIELD
PRESENÇA

O título resume a intenção e o tema deste álbum. O Coala que se recusa a largar o ramo da árvore onde vive, mesmo perante o apelo de outros animais que o desafiam, só vence o medo do desconhecido quando um acidente a isso o obriga. Tal como acontece ao longo da vida, as experiências destronam o medo e fortalecem a confiança. A rima do texto e as figuras expressivas dos animais alegram a tensão provocada pela insegurança de abandonar a zona de conforto.

ESTA BRUMA INSENSATA
ENRIQUE VILA-MATAS
SEIX BARRAL

Novo romance de Vila-Matas, centrado no cofrito de Reiner Bros, um escritor dividido entre a hipótese do abandono da escrita e a continuação de um ofício onde todos os mundos são possíveis, mesmo que a internet pareça substituir essa ideia com a ilusão de a tudo permitir aceder.

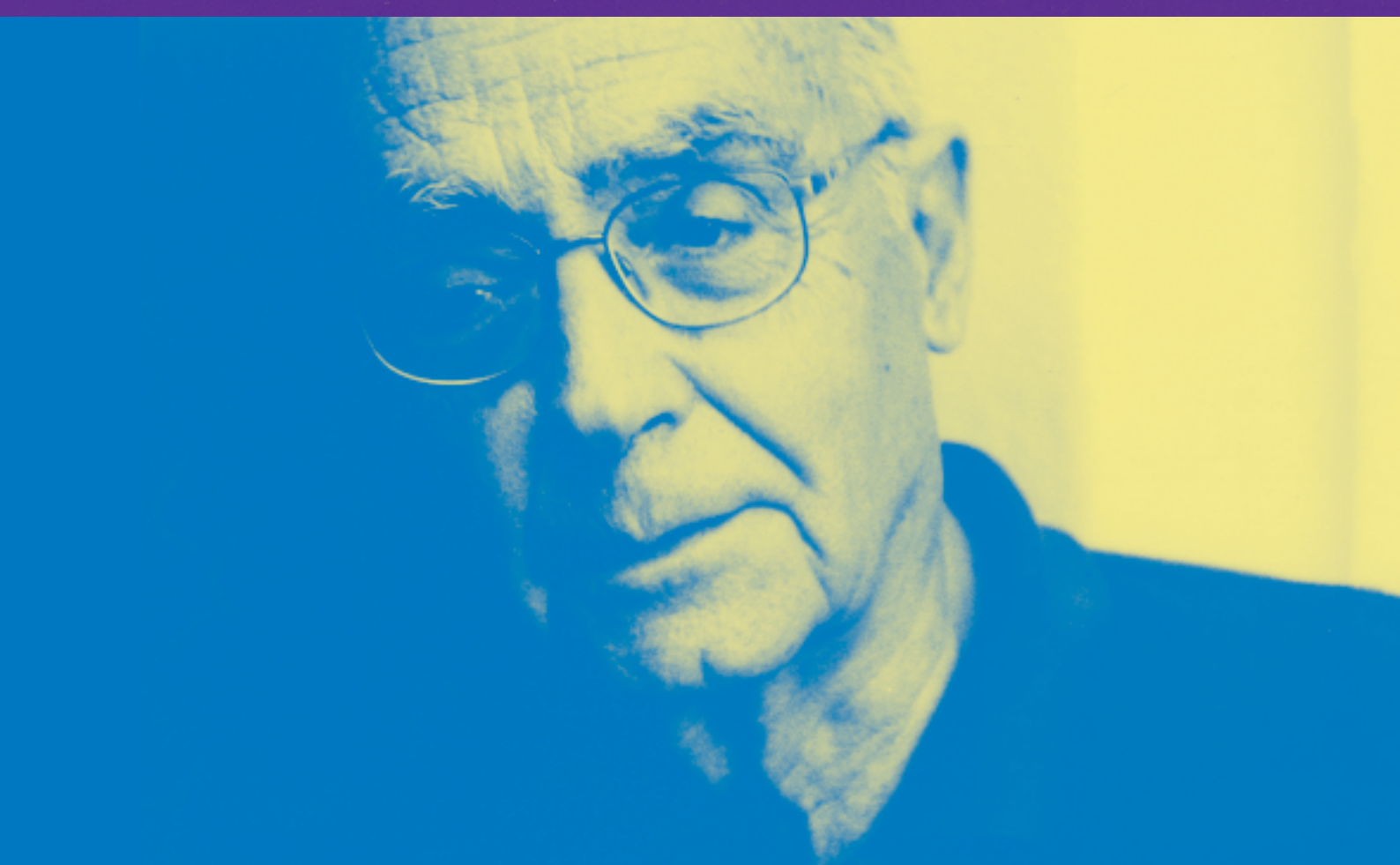


Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA

GOLEGA 10 ANOS YEARS AÑOS Fundação José Saramago



AMIGO DE SARAMAGO

SEJA AMIGO DA FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO E DESFRUTE DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org

Fundação José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org

assine o

suplemento pernambuco

anual — **R$ 60**
bianual — **R$ 100**

CASA JOSÉ SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS

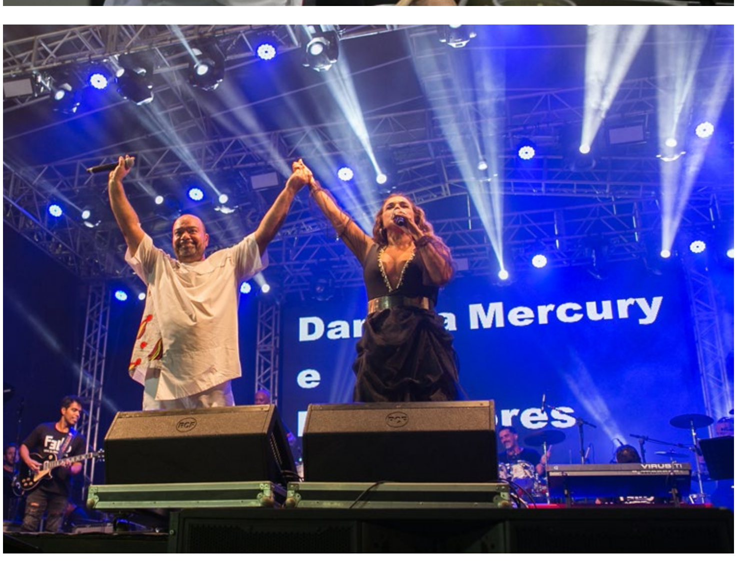
felpo Celebra as várias línguas portuguesas em Salvador

RICARDO VIEL

Gilberto Gil conta que "Toda menina baiana" foi composta em 1979, em Salvador, para a filha Nara, então uma criança a entrar na adolescência. A canção, segundo o músico, fala do "caráter fundador da Bahia" e das virtudes e defeitos dos homens. "Por força da busca de compreensão do divino no humano, eu me empenhava em me desvencilhar do maniqueísmo, abarcando as ideias ligadas tanto ao bem quanto ao mal", explicou certa vez. No famoso tema, diz-se que um certo Deus concedeu à Bahia o privilégio e o peso da primazia: a primeira missa e o primeiro carnaval, o primeiro índio abatido por um estrangeiro e o primeiro pelourinho brasileiro. Foi também na Bahia que Pero Vaz de Caminha escreveu, em 1500, a carta ao rei D.Manuel I dando conta da existência dessas terras onde hoje vivem mais de 200 milhões de falantes do idioma.
Esse caráter inaugural fez de Salvador o lugar ideal para a realização da primeira edição do FELPO (Festival da Língua Portuguesa). Entre os dias 28 e 30 de março, a capital baiana foi lugar de reunião de músicos, chefes de cozinha, escritores e jornalistas de países da comunidade lusófona. Havia todos os ingredientes para se fazer uma boa festa: comida, música e pessoas dispostas a conviver, conversar e celebrar. E assim foi.
Num breve diário, tomei nota do que vi e vivi nesses dias na Bahia.

dia 1 28 março

Enquanto os chefes Vítor Sobral (Portugal), Helt Araújo (Angola) e Tereza Paim (Brasil) foram à Feira Popular de Vera Cruz, na Ilha de Itaparica, para escolher as iguarias que cozinhariam no jantar de abertura do festival, fui visitar a Casa do Rio Vermelho, residência de Jorge Amado e Zélia Gattai por 40 anos. A casa esteve fechada de 2003 - quando Zélia, após a morte de Jorge (2001), se mudou de lá - até 2014, ano em que o espaço foi aberto ao público. Os móveis, quadros, livros, roupas (as camisas floridas dele e os elegantes vestidos dela), objetos pessoais e de trabalho do casal foram mantidos como estavam, o que provoca no visitante a ideia de que a qualquer momento os donos da casa podem chegar.



Espalhados pelas divisões, vídeos e áudios ajudam a contar a vida e a produção de Zélia e Jorge. Enquanto passeia pela casa, o visitante admira a coleção de souvenires trazidos de dezenas de países visitados pelo casal, conhece a mesa de trabalho de Jorge ou o estúdio de fotografias de Zélia, e fica a saber mais sobre a biografia de Amado e Gattai: a militância política do autor de Capitães da Areia, o seu exílio, os amigos e as crenças religiosas de ambos. Ao chegar ao agradável jardim é difícil não se emocionar com a singela mensagem gravada num azulejo branco: "Aqui, neste recanto do jardim, quero repousar em paz quando chegar a hora. Eis meu testamento". A vontade de Jorge foi cumprida. Assim como a de Zélia, cujas cinzas também foram depositadas ao pé da mangueira em 2008.

De noite, no restaurante Casa de Tereza, Vítor Sobral, Helt Araújo e Tereza Paim são as estrelas do primeiro dia do FELPO. Sorte a dos presentes, que pudemos degustar a comida de três continentes e aprender um pouco mais sobre sabores. E num ambiente de amizade e cumplicidade, os músicos que por lá estavam proporcionaram momentos inesquecíveis. Ou parece pouca coisa ouvir, por exemplo, Daniela Mercury e Ana Moura a cantarem "Corcovado", de Tom Jobim, acompanhadas pela guitarra portuguesa de Ângelo Freire?

dia 2 29 março

Salvador amanhece cinzenta no dia em que completa 470 anos. A festa de aniversário está marcada para o Farol da Barra, lugar emblemático da cidade, mas sem qualquer possibilidade de que os presentes se protejam da chuva. Aproveito a manhã livre para passear pelo Rio Vermelho, visitar a Casa de Iemanjá – divindade que, na crença das religiões afro, protege os pescadores. É aqui que no dia 2 de fevereiro se celebra uma das festas mais tradicionais de Salvador, a festa de Iemanjá, quando centenas de barcos saem para o mar carregados de oferendas à deusa do mar.

Não faltou quem tenha atribuído à fé dos baianos o facto de que um par de horas antes do concerto a chuva tivesse deixado de cair. Durante três horas, sem precisarem de chapéus de chuva, milhares de pessoas cantaram e dançaram ao som de artistas do Brasil, Portugal e Angola. Daniela Mercury, António Zambujo, Ana Moura, Paulo Flores, Saulo, Magary Lord e Márcia Short foram os protagonistas da festa de celebração da língua portuguesa e da primeira capital do Brasil.

dia 3 30 março

Manhã dedicada a um passeio na praia com direito a água de coco e pela tarde voltamos ao Rio Vermelho. Desta vez, na Praça da Mariquita, neste último dia do FELPO, é a literatura que ganha destaque. Entre bares e barracas de Acarajé – deliciosa iguaria local feitao de uma massa com um tipo de feijão, cebola, sal e frita em azeite de dendê - está montada uma tenda para que as pessoas troquem livros. E no palco onde mais tarde Morais Moreira tocaria participo numa conversa com Itamar Vieira Vieira Júnior, vencedor do Prémio LeYa 2018 com *Torto Arado*, Sérgio Rodrigues, autor de *Viva a Língua Brasileira!*, e Ricardo Oliveira Duarte, jornalista da TSF e um dos responsáveis pela realização do festival. Durante um pouco mais de uma hora evocamos Jorge Amado, José Saramago e outros grandes da literatura que, para a nossa sorte, escreveram em português; falamos sobre a riqueza das várias línguas portuguesas, sobre a importância de que esses vários sotaques se aproximem mais, e do desejo de que festivais como o FELPO se espalhem pelo mundo lusófono proporcionando novos intercâmbios entre os falantes do idioma.
A última noite em Salvador é dedicada a festejar com os novos (e alguns velhos) amigos a alegria de ter feito parte de um festival criado para celebrar aquilo que une mais de 270 milhões de pessoas pelo mundo, a língua portuguesa. Trago de Salvador um caderno com um excerto de um texto de Jorge Amado «Adeus, moça», e que diz:

Vais deixar minha cidade. Não quis te mostrar apenas a beleza, o mistério, o pitoresco, a poesia... abrir todas as portas para que passasses, as largas e as estreitas, mostrei o bom e o ruim, o limpo e o sujo, a flor e a chaga, nada escondi da curiosidade do seus olhos, para que assim teu coração possa amar a Bahia inteira. Aqui ficaremos nós, o povo baiano, cordial, resistente e bom. Um dia a miséria não mais manchará tanta beleza, tanta poesia, o mistério da cidade de São Salvador da Bahia de todos os Santos.

Oxalá o vaticínio de Amado se cumpra e que a miséria deixe de manchar o encanto de Salvador. Oxalá o FELPO consiga, como a organização do festival se propõe, percorrer outros continentes e proporcione mais festas como a que vivenciei na capital baiana.

Fotografia Daniele Rodrigues/ FELPO

Ricardo Viel viajou a Salvador a convite da Global Media, organizadora do FELPO

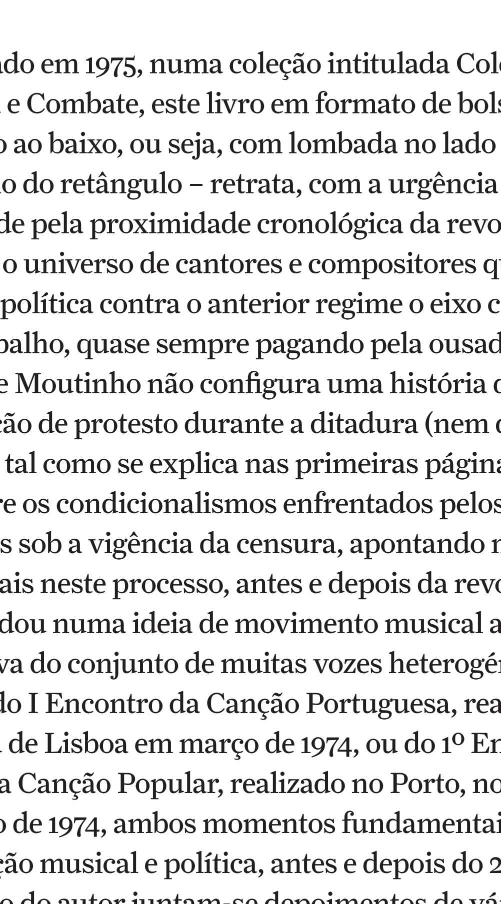
45 ANOS DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS: ALFARRÁBIOS DE ABRIL

SARA FIGUEIREDO COSTA

Passaram quarenta e cinco anos desde o «dia inicial inteiro e limpo» que acabou com quase meio século de fascismo em Portugal. Depois desse 25 de abril, em 1974, afastadas as grilhetas da censura, também os livros viveram um período de livre agitação, multiplicando-se os gestos de imprimir no papel aquilo que passava pela cabeça de cada um e cada uma, ou de vários uns e umas, conforme a urgência, a vontade, o desejo. Nos alfarrabistas e nas feiras de velharias ainda se encontram muitos desses livros publicados nos anos seguintes, quase todos com chancelas editoriais que não sobreviveram a quase meio século em que tanto mudou no modo de editar, distribuir e, até, ler. Selecionamos uma mão cheia de livros desse período em que tudo parecia possível (um deles, anterior ao 25 de abril, mas já a pressentir – ou a desejar – a mudança que aí viria), alguns a apresentarem-se em modo celebratório, outros procurando registar os instantâneos e a história estruturada de um passado ainda tão próximo, que continuamos a celebrar.

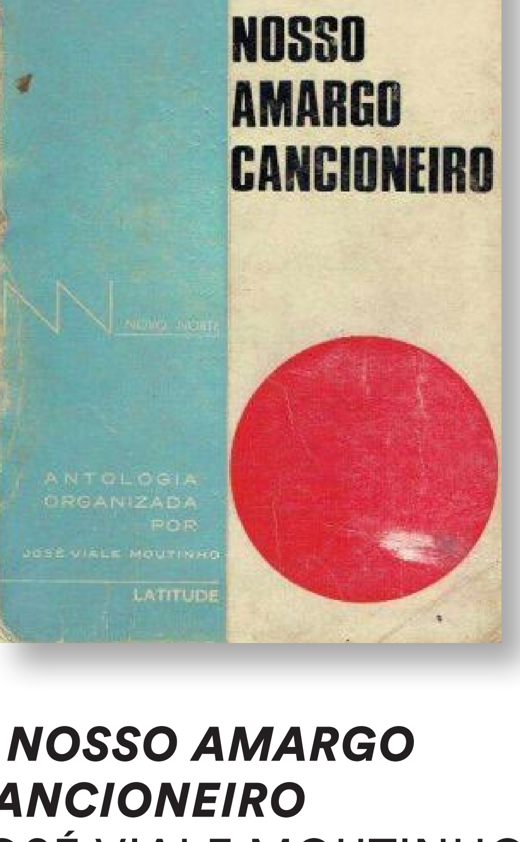
MEMÓRIA DO CANTO LIVRE EM PORTUGAL
JOSÉ VIALE MOUTINHO
FUTURA

Publicado em 1975, numa coleção intitulada Coleção Música e Combate, este livro em formato de bolso – abrindo ao baixo, ou seja, com lombada no lado mais pequeno do retângulo – retrata, com a urgência que se apreende pela proximidade cronológica da revolução dos cravos, o universo de cantores e compositores que fizeram da luta política contra o anterior regime o eixo central do seu trabalho, quase sempre pagando pela ousadia. O texto de Viale Moutinho não configura uma história detalhada da canção de protesto durante a ditadura (nem quer fazê-lo, tal como se explica nas primeiras páginas), antes percorre os condicionalismos enfrentados pelos cantores e músicos sob a vigência da censura, apontando momentos essenciais neste processo, antes e depois da revolução, que consolidou numa ideia de movimento musical algo que resultava do conjunto de muitas vozes heterogéneas – é o caso do I Encontro da Canção Portuguesa, realizado no Coliseu de Lisboa em março de 1974, ou do 1º Encontro Livre da Canção Popular, realizado no Porto, no dia 6 de maio de 1974, ambos momentos fundamentais desta afirmação musical e política, antes e depois do 25 de abril. Ao texto do autor juntam-se depoimentos de vários dos intervenientes nesta cena musical e uma seleção de letras de canções.



O NOSSO AMARGO CANCIONEIRO
JOSÉ VIALE MOUTINHO (ORG.)
LATITUDE

Em 1972, José Viale Moutinho publicava a primeira edição desta obra, na coleção Novo Norte da editora Latitude. No texto introdutório, lê-se: «Esta é a primeira recolha de poemas que serviram de base às mais interessantes cantigas portuguesas do nosso tempo. Desde as iniciais e solitárias intervenções de José Afonso até este momento fecundo da primeira metade de 1972. Procurou-se um caminho – o da amargura. Fica o itinerário da ironia para quando for possível esmiuçar-se mais claramente a densidade desse ramo ainda um pouco tenro do nosso cancioneiro. É amargamente que se fala neste livro.» Estávamos ainda nos tempos do fascismo e a vivacidade, o humor e a alegria que haveriam de atravessar parte das canções de luta eram apenas tímidos arremedos. As letras são de muitos autores, entre eles António Gedeão, Natália Correia, Ermelinda Duarte, José Afonso, José Carlos Ary dos Santos, Sérgio Godinho ou Manuel Freire, entre tantos outros.

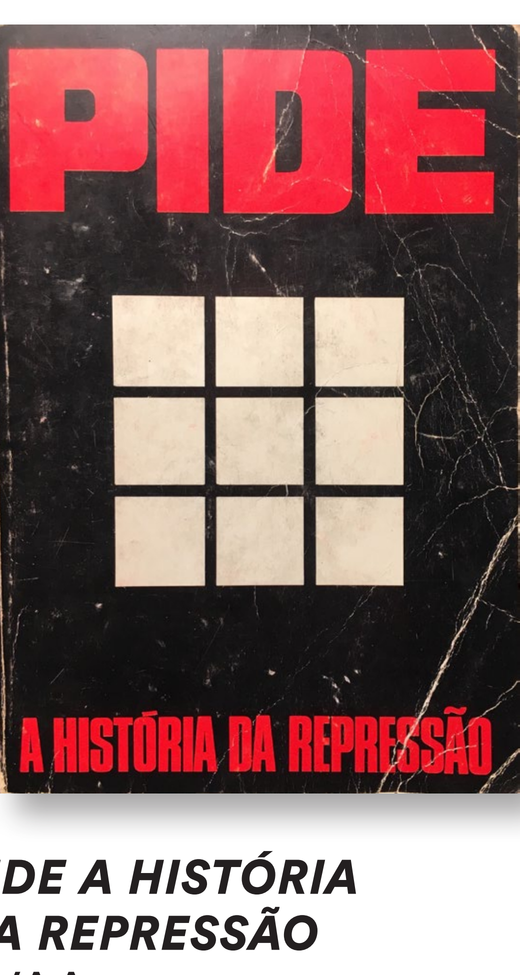


25 DE ABRIL
AAVV
CASA VIVA EDITORA

A 2.ª edição data de maio de 1974. Coordenado pelos jornalistas Afonso Praça, Albertino Antunes, António Amorim, Cesário Borga e Fernando Cascais, este livro clarifica os seus propósitos logo no prefácio, tornando óbvia a impossibilidade de elaborar qualquer espécie de síntese histórica tão em cima do acontecimento: «Não se pretende com este livro conseguir mais do que um simples repositório de factos e documentos que caracterizaram o 25 de abril e os primeiros dias de vida da Junta de Salvação Nacional e de liberdade do Povo Português.» O volume inclui uma cronologia das primeiras horas da revolução, comunicados do Movimento das Forças Armadas, fotografias e vários textos sobre a correlação de forças entre os vários envolvidos na instauração da democracia.

PIDE A HISTÓRIA DA REPRESSÃO
VVAA
JORNAL DO FUNDÃO EDITORA

Em junho de 1974, o *Jornal do Fundão* publica este livro coordenado por Alexandre Manuel, Rogério Carapinha e Dias Neves (com coordenação gráfica de António Martins). Aqui se traça, ainda a quente, uma história da criação da polícia política que foi uma das bases fundamentais do regime de Salazar e Caetano, retratando o que se passava nas salas de interrogatório, nas prisões (com destaque para Caxias) e o *modus operandi* dos agentes. Um dos elementos fundamentais desta edição é a reunião de depoimentos de oito presos políticos, homens e mulheres, que dão ao leitor um acesso tão direto quanto possível ao horror que viveram às mãos da PIDE, entre interrogatórios, torturas físicas e psicológicas e várias temporadas atrás das grades.



O 25 DE ABRIL VISTO PELAS CRIANÇAS
VVAA
MIL DIAS EDITORA

Este é um documento particularmente curioso entre as edições que se seguiram ao 25 de abril. Não contém fotografias, textos de intervenientes ou reproduções de comunicados, mas antes desenhos feitos por crianças que procuram expressar aquilo que foi, para elas, a revolução. A edição é de 1978, pelo que os desenhos refletem ainda essa proximidade cronológica com a data, bem como os acontecimentos que lhe sucederam. Os desenhos e textos foram cedidos pelo FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis) e pela União dos Clubes de Campolide.

Agora o Sócio Gerador vem com o cartão para a cultura portuguesa.

+experiências
+descontos
+assinatura Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

A Casa da Andrea

DOBRA, DOBRA, ESTICA, ESTICA

Andrea Zamorano

Para Nivaldo Tenório

A instrutora

insistia dobra, dobra, estica, estica. Bem me esforçava, os tornozelos inchavam, os joelhos se queixavam, quando não era a coordenação que falhava. Persistia obstinada, dobra, dobra, estica, estica. Me empenhando em fletir o corpo e mover as cadeiras de um lado para o outro no ritmo das batidas dos sucessos de Blaya e Anitta, filhas tardias das mesas de mistura de Afrika Bambaataa e The Soul Sonic Force que desde a juventude me arrancavam beats sem swing. Eu não desistia.

A minha natureza jamais foi propícia à atividade física menos ainda para a dança. Os movimentos que obrigavam as minhas nádegas afiambradas a se moverem de forma alternada, independentes do resto do meu corpo, em nenhum momento da minha longa existência haviam-me pertencido. Aquela aula de grupo era a minha oportunidade.

"Faz bem", afirmou o meu cardiologista em mais de uma oportunidade alertando também sobre a iminência de uma diabetes tipo II por conta do meu perímetro abdominal acima do expectável, e quanto ao incremento da probabilidade de doenças cardiovasculares. Há anos era hipertensa. O exercício físico contribuiria para a produção de bom colesterol e controle da insulina, reforçou o médico. Me imaginei outra vez vestida com as leggings de lycra colante, uma t-shirt escura larga, na parte de cima do corpo para disfarçar o tal perímetro. Me lembrei das figuras que fazia em trajes desportivos e do desgosto que infligia: do meu pai a dizer para a mãe que desistisse de fazer qualquer coisa daquela menina; da minha mãe se resignando com a sina de ter uma filha daquelas; de ser obrigada a passar dias inteiros fechada, sem poder sair do meu quarto, muito menos para ir à cozinha, lendo com os headphones postos. No volume mais alto, Run DMC, Rob Base & Dj Ez Rock, Salt-N-Pepa, Grandmaster Flash e the Message entravam com " don't push me 'cause I'm close to the edge".

Em tempo algum estive à beira da mesma ruína que os intérpretes das canções que ouvia mas estar à margem nos igualava em sentidos que desconhecia. Um dia saberia caminhar no Harlem em que me encontrava sem nunca ter estado lá, sem nunca ter pertencido. Fui para a dança.

Talvez por esse meu talento especial ou por ser diretora geral de um conglomerado de comunicação, responsável pelo maior grupo editorial do país, estar constantemente nas páginas das colunas sociais, ser frequentadora dos desfiles da moda, habitué em festivais de música pelo país, às vezes também no exterior, acabei despertando o interesse de um jovem com menos de metade da minha idade que frequentava as aulas no estúdio ao lado do meu. As paredes de vidro permitiam a contemplação da sua fisiologia em exercício e que trabalheira, pensei. Em breve, aquela seria outra vergonha para juntar à lista dos meus progenitores para quem eu era um paradoxo.

Desde menina

fui entroncada, bastante desajeitada, constrangendo os meus pais em circunstâncias várias. Fenotipicamente decalcados das capas das revistas que por ironia eu viria a controlar anos depois, pareciam-se ambos mais a um casal de galgos ingleses do que em alguma proporção à mim.

Sem se conformarem com a sua sorte, em pequena tudo fizeram para que me transformasse numa figura longilínea: ballet clássico, ginástica rítmica, esgrima, equitação e até karaté. Os intentos não lograram mais do que tentativas falhas. Ao fim de poucas semanas, eram os próprios monitores dos exercícios a sugerirem que a menina cultivasse as atividades de leitura, os jogos de tabuleiro ou quiçá o bordado. Teria preferido qualquer uma dessas ocupações, não tive escolha.

Quando a minha aula terminou, lá estava o meu futuro namorado à espera para exibir os versos tatuados no corpo em minha honra. Fingi que me encantava. Durante anos a minha vida amorosa fora uma ribanceira muito íngreme, aprendi a escalá-la. Por fim, galgava dias felizes sem as inconveniências e as mazelas do amor afetivo, o carnal me parecia de novo aprazível.

À noite, depois do trabalho, em frente da agigantada televisão desligada, num dos quartos no meu apartamento virado para a praia que nunca frequentei, procurava o reflexo da minha imagem na tela. Queria corrigir os movimentos, dobra, dobra, estica, estica. Repetiria aquele exercício dias a fio até alcançar a perfeição na arte do quadradinho. Outro desprezível feito para os meus pais.

Orgulhosa, passei a frequentar mais aulas e a aceitar as investidas do meu atual namorado. À medida que a relação evoluía os meus movimentos também, sabará, cruzada, e twerk aconteciam com frequência e maior velocidade na minha sala de enormes janelas envidraçada para o mar.

Sentia-me leve, já não escondia o meu jovem namorado que pedia a minha aprovação para os versos escritos no seu caderninho quando lia com a cabeça apoiada nas minhas ancas generosas. Resolvi dar a última punhalada no que restava da relação com os meus pais, convidei o meu namorado para morar lá em casa. Nunca mais me falaram.

Pão de sete sementes, manteiga com flor de sal, uma omelete só de clara com ervas da Provence, finíssimas fatias de peito de peru e um café preto, tudo isso servido numa bandeja pela manhã na cama como numa publicidade. Os lindos, ricos, jovens, bem sucedidos e felizes amavam-se com café, ame-se com Segafredo, afinal a vida podia ser muito boa. Só era pena não me enquadrar em todas as categoria do comercial que inventei para mim mesma.

Outra consulta médica confirmou uma perda acelerada de densidade óssea, receitaram-me CalcimedD3. Um pastilha mastigável repugnante todas as noites, só tolerava em prol da minha recém conquistada competência para a dança. Não a perderia, não tão cedo.

Cheguei do trabalho, fui direto à cozinha, um hábito antigo. Encontrei o bilhete colado no micro-ondas avisando que o meu namorado chegaria tarde da faculdade, ninguém mais escrevia bilhetes, estava maravilhada com as banalidades da vida quotidiana. Terminei o meu lanche de pé olhando para a sua letra no bilhete quando ouvi o barulho de uma mensagem chegando ao telefone que o meu namorado esqueceu em cima da bancada da cozinha junto com as chaves do apartamento.

No Iphone, com o qual o presentei pelo seu aniversário, as mensagens apareciam em catadupa. Li uma por uma. Poderiam ter sido escritas pelos meus pais se eles tivessem a idade da amiga do meu namorado que lhe escrevia.

Pedi que levassem as suas malas para a receção do prédio, fiquei com as chaves e o telefone. Fui para frente da TV desligada, dobra, dobra, estica, estica, dobra, dobra, estica, estica, dobra, dobra, estica, estica, dobra, dobra, estica, estica.

Biblioteca: lugar para ser livre

ANDREIA BRITES

Há muito que se pensa e ensaiam mudanças nos conceitos tradicionais que presidiam às funções e identidades das bibliotecas. Do fundo documental como elemento nevrálgico, em torno do qual se organizava o espaço, os serviços e as suas normas de funcionamento, estudos, partilha de experiências e reflexão sobre os contextos sociais e culturais chegaram a um novo paradigma: quem está no centro da biblioteca é o utilizador, são as pessoas. Por isso, a leitura e o livro passam a ser um dos serviços, uma das propostas que a biblioteca oferece. Isso não significa que a promoção da leitura deixe de ser relevante, bem pelo contrário. O que acontece é que a promoção da leitura não existe como propósito isolado. A leitura tem obrigatoriamente de caminhar a par com outras ferramentas de conhecimento e deve estar integrada num universo maior, que se relaciona com a curiosidade indivual, com ferramentas da moda e do folclore colectivo, com a lentidão do processo tanto como com a urgência da adrenalina.

Foi precisamente neste contexto de transformação que a Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro decidiu organizar a sua II Conferência Internacional [Re] PENSAR a Biblioteca subordinada ao tema do Gaming e dos Makerspaces. A fechar a manhã do primeiro dia do Encontro o Cineteatro Alba, em Albergaria-a-Velha, recebeu o inglês Matt Finch para a Conferência inaugural. O seu vasto currículum começa num percurso profissional como educador para atualmente ser director de programas e consultor de bibliotecas na área da promoção de políticas efetivas de desenvolvimento que relacionem serviços, atividades e recursos.

Assim que sobe ao palco Matt Finch recorre a uma estratégia eficaz. Criar empatia é fundamental e para isso nada melhor que um exercício: qual a primeira memória que a assistência tem de uma biblioteca? Que cada um a partilhe com o vizinho do lado. Depois Matt questiona o público: que levante o braço quem ouviu uma memória feliz. É impressionante como apenas duas ou três pessoas têm memórias felizes para recordar e partilhar. Matt assume a dianteira e relata a sua experiência: uma biblioteca dos anos 80 do ano passado, feia e desconfortável onde ele foi com a mãe e o irmão. A relevância da memória está na mãe que mostrou aos filhos que livros lia quando era pequena. «Lembro-me que foi nessa altura que o meu irmão percebeu que a minha

Um novo paradigma: quem está no centro da biblioteca é o utilizador, são as pessoas.

mãe também tinha sido uma criança.» A gargalhada cúmplice permite avançar. «As bibliotecas existem há milhares de anos. Daqui a dois mil anos nós e as nossas bibliotecas vamos ser a Grécia antiga. E o que fazemos nas bibliotecas vai ser História.» Estamos pois no centro das atenções. A biblioteca é e será o que fizermos dela e isso dá-nos liberdade e poder. O que queremos que a biblioteca nos dê? De que forma nós queremos relacionar com a biblioteca? Como nos comprometemos? Matt Finch recupera a sua biografia: *the tell tales séries*. Tratava-se de jogos virtuais, para PlayStation e outros dispositivos, em que cada jogador entrava na pele de uma personagem e tomava decisões que determinavam o curso daquele episódio. De entre as várias séries que em tempos estiveram disponíveis no mercado (desde inícios do milénio até à falência da empresa em 2018) Matt jogava a série do Batman, personagem que lhe era cara. Explica que esse poder de moldar a aventura tinha detalhes perniciosos. Para que o jogador tenha acesso às decisões de outros jogadores, todos os comportamentos de cada um são monitorizados e trabalhados enquanto dados. Isto significa que o que dá poder também controla e manipula.

Neste momento Matt Finch recentra a questão no papel social da biblioteca. Ela é a hipótese de ter a adrenalina e o poder de decisão sem o controlo exterior sobre os comportamentos individuais. Como? O primeiro momento passa por ler a cultura popular como principal agente de motivação para crianças e jovens. Segundo Matt Finch «a cultura popular é o folclore das crianças. Elas brincam e fazem de conta a partir do que vêem.» E dá exemplos. O primeiro é o de um menino de quatro anos que, na sala de jardim de infância onde Matt era educador, em Inglaterra, faz a sua primeira piada e ri pela primeira vez. O riso da criança é de tal maneira saudável e contagiante no grupo que Matt decide alterar o que tinha programado e todos criam uma história colectiva a partir da ideia que o menino partilhou: a de que se continuasse a comer melão sem parar, se transformaria no rapaz-melão, tinha dito a mãe. A partir daí as referências das histórias tradicionais, o herói e o vilão e o final feliz entram no diálogo do grupo e a história acontece. Noutra escola com crianças mais velhas, implementa-se no recreio um momento para os rapazes dançarem como forma de combater a violência entre eles. Matt comprova os bons resultados o que o faz defender que «podemos levar a dança para a sala, podemos deixar que se expressem através do movimento, podemos aproveitar isso.» Este é apenas um de entre os muitos exemplos possíveis de oferecer ao público a oportunidade de se expressar e de escolher a forma como o quer fazer, de acordo com as suas referências, o seu folclore, que podem ser contos de fadas, hip-hop, zombies, super-heróis, unicórnios ou o que mais os encantar a cada momento. Matt refere ainda um estudo que constata que os alunos, logo no início da escolaridade, se empenham e aprendem mais se puderem escolher como e o que querem explorar.

Daqui a dois mil anos nós e as nossas bibliotecas vamos ser a Grécia antiga.

As grandes marcas perceberam-no há muito e a isso se deve o marketing agressivo em torno de personagens de filmes, séries televisivas ou heróis de literatura ou banda desenhada. Então, da mesma forma que esta cultura é explorada em livros, máscaras, bonecos, jogos virtuais, jogos de tabuleiro, animações e músicas disponíveis em plataformas portáteis e conectáveis entre si de forma a multiplicar os elementos de cada comunidade, a biblioteca pode propor que a cultura popular também esteja não apenas disponível para os seus utilizadores como acrescentar possibilidades de serem estes agentes ativos na relação com a dita cultura popular. «A biblioteca dá poder às comunidades para que explorem informação, conhecimento e cultura à sua maneira.», declara Matt numa das afirmações mais enfáticas da sua comunicação. E prossegue: «Este é o espírito do bibliotecário: não somos professores, somos pregadores. Mesmo quando ajudamos com os trabalhos de casa, mesmo quando ajudamos a nossa comunidade ao nível dos valores, como quando combatemos a propaganda e as *fake news*, mesmo se estivermos numa biblioteca onde apenas existem estantes com livros, como antigamente, continuamos a estar lá apenas para deixar que as outras pessoas as explorem. Se for a uma biblioteca e escolher um livro de uma prateleira, sou em quem toma essa decisão. E se ler o livro, terei a minha interpretação.» É uma questão de liberdade num mundo em que há uma séria manipulação dessa liberdade. «Vivemos num mundo em que nos fazem crer, a todo o momento, de que temos o poder de decidir em liberdade, mas na verdade vivemos num sistema de vigilância constante.» Esta vigilância já ultrapassou o estilo Big Brother em que alguém, o estado, a polícia, a dita autoridade, nos observava. Actualmente, para além das grandes corporações terem acesso aos nossos dados e os usarem para melhor nos convencerem a adoptar este ou aquele comportamento de consumo, também nós reagimos a esses estímulos vigiando-nos constantemente a nós próprios e aos outros, seja controlando a comunicação nas redes socais, seja através da multiplicidade de gadgets que nos dão a ilusão de contribuir e facilitar um desejo mas nos aprisionam, como por exemplo as aplicações que controlam as calorias gastas na prática de exercício, ou as distâncias percorridas no quotidiano. O auto-policiamento parece descontrolado e inconsciente. Mas é, quando se apresentam exemplos de forma crua, muito assustador. A este cenário Matt Finch contrapõe a biblioteca como um lugar genuíno onde todos podemos ser livres como as crianças do jardim de infância quando exploram o mundo a partir das suas brincadeiras.

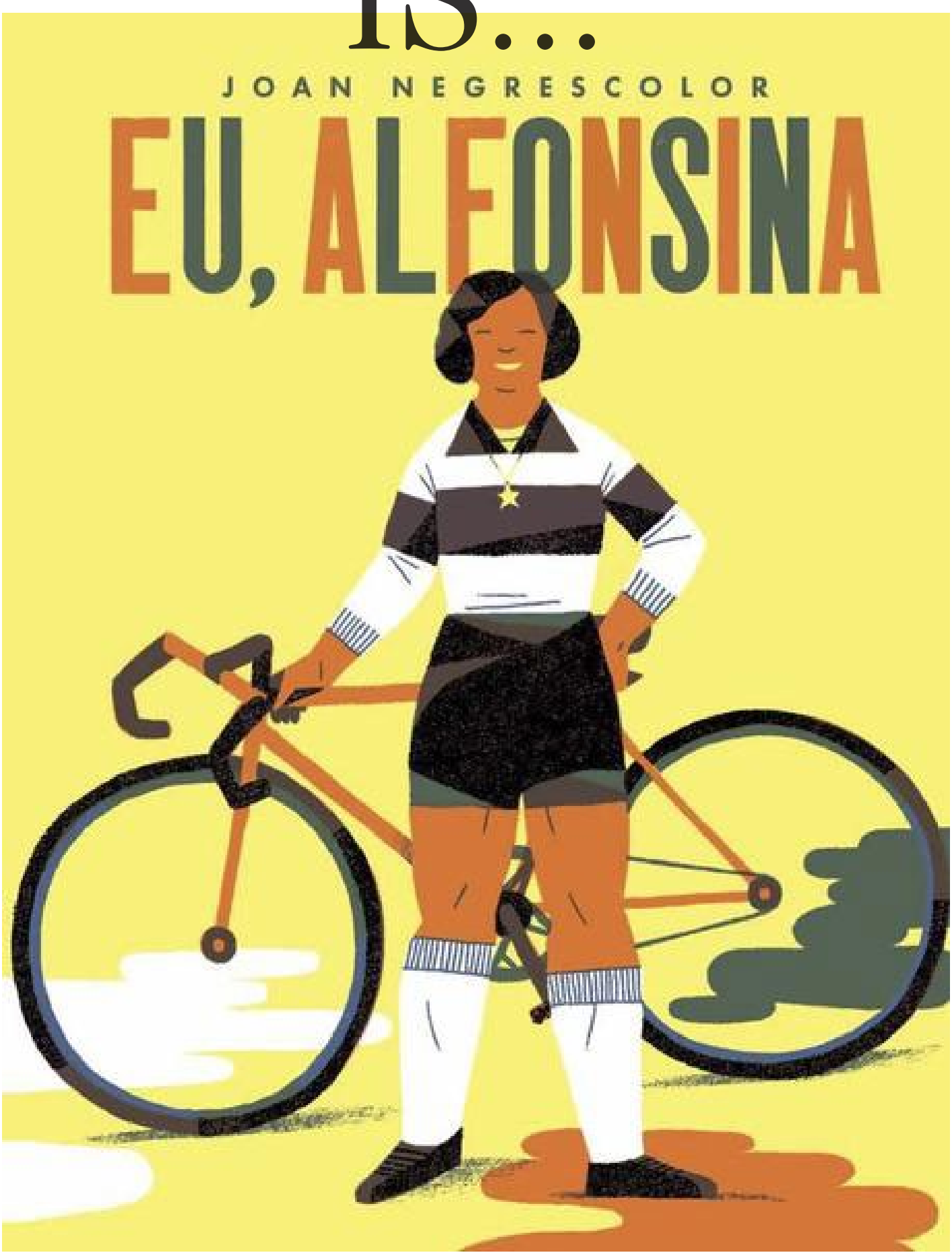
O primeiro momento passa por ler a cultura popular como principal agente de motivação para crianças e jovens.

Na sua função de consultor, há muito que o britânico corre mundo lançando ferramentas para que as bibliotecas, hospitais, escolas e outros equipamentos consigam seguir esta ideia que deveria ser-lhes natural, a de brincar, a de jogar, a de desempenhar um papel, a de experimentar pôr-se noutra pele, muitas vezes ficcional e com ela viver e encontrar sensações, curiosidades, comportamentos, valores, o que quiser e acontecer. No seu site, www.mechanicaldolphin.com há relatos de vários projectos, testemunhos das equipas locais com as quais estes foram desenvolvidos, reflexões e um blog recheado de informação em texto e vídeo, sobre algumas questões muito pertinentes como a da escrita no futuro, ou a da validade do jogo para as equipas das bibliotecas ser tão relevante como o é para o público. A Albergaria-a-Velha chegou com algumas fotografias de apoio um projecto levado a cabo numa biblioteca na Austrália: uma invasão de zombies no espaço público. Cem crianças eram perseguidas por zombies pelas ruas da cidade. Os zombies eram nada mais nada menos do que pessoas da comunidade, entre as quais estavam, naturalmente, adultos familiares das crianças. O evento foi planificado mas no jogo cada um tinha a liberdade de decidir o que fazer, de acordo com o papel que desempenhava. Todavia, a montante, e aproveitando o acontecimento, a polícia e os bombeiros foram chamados a participar também. A sua missão? De esclarecimento, formativa, educativa. Então, o que a biblioteca proporcionou foi a cooperação das várias forças da comunidade numa tentativa efectiva de ajudarem as crianças a sobreviver durante o jogo, como se este fosse real. O potencial de uma festa como esta é imenso, a criação de laços comunicantes, a oportunidade de conhecer e aceder a regras e conhecimento com um propósito, a exploração do território, são um sem fim de possibilidades.

Matt considera que basta entrar no universo da ficção para ser possível realizar inúmeros projectos, mais ou menos elaborados. Noutro projecto, o desafio era salvar o mundo através da robótica, da engenharia, da impressão em três dimensões. O que poderia salvar o mundo? O que temos de criar? Pensemos nos makerspaces que já existem nas bibliotecas de Ílhavo ou Oeiras, pensemos nos Centros de Ciência Viva, pensemos nos laboratórios de algumas escolas… Tantos recursos que podem ser disponibilizados, físicos e humanos, para ajudar as crianças, e quiçá os adultos, a construírem o que lhes parece útil para evitar a destruição do planeta. Regressemos à biblioteca: «este é o lugar para escolher e ser livre, para acertar e errar, ficar frustrado e confuso. É o lugar onde aprendemos a usar ferramentas, onde desenvolvemos competências com autonomia. O que torna um projecto digno de ser realizado numa biblioteca é a liberdade que dá aos participantes.» Seja num projecto de role play, seja na disponibilização de computadores, tomadas, wi-fi, livros, tablets, seja aproveitando fotografias antigas do arquivo e possibilitando aos utilizadores que tirem uma selfie e coloquem o seu rosto no lugar de um qualquer ancestral da comunidade, seja criando códigos de pesquisa ou de pertença… Quando Matt recupera o Manifesto da UNESCO de 1994 fá-lo para provar que já ali não se refere nunca a palavra livro.

Aceitemos o convite do especialista: "Let's play!"

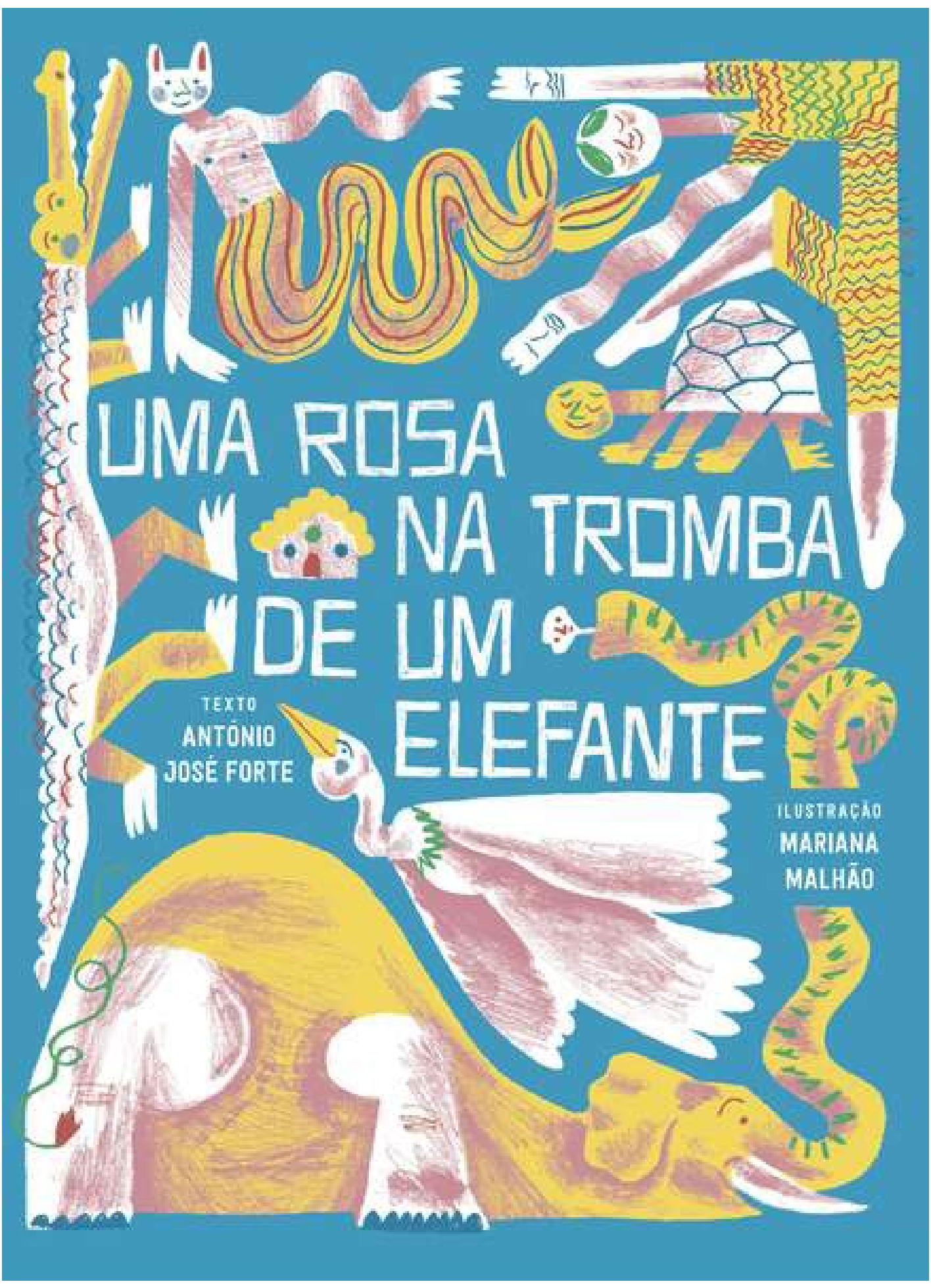
AND THE WINNER IS...



BOP para a Orfeu Negro

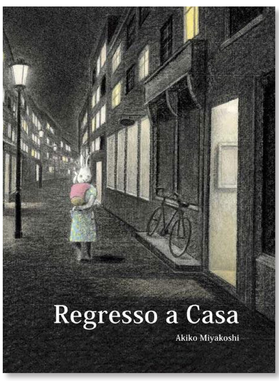
A Orfeu Negro foi a escolhida como Melhor Editora Infantil do Ano no Continente Europeu. O Prémio é atribuído desde 2013 pela Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha e distingue uma casa editorial em cada uma de seis áreas geográficas: Europa, Ásia, Oceania, África, América Central e do Sul e América do Norte. São previamente escolhidos cinco nomeados em cada continente/ geografia, de entre todas as editoras com assento na Feira. O Prémio pretende distinguir «a criatividade, a coragem e a qualidade na escolha editorial» como se pode ler no site.

A Orfeu Negro partilhou o palco com a Sub-Saharan Publishers do Gana, a Locus Publishing Company de Taiwan, a Comme des géants do Canadá, a Limonero da Argentina e ainda com a australiana Scribble Kids' Books.



ESPELHO MEU

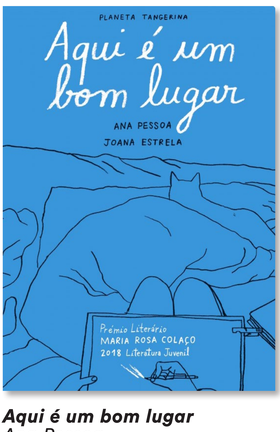
ANDREIA BRITES



Regresso a casa
Akiko Miyakoshi
Orfeu Negro

A história é singela, quase risível. Por isso a forma como é narrada importa enormemente: a cadência das observações, a perspetiva da coelhinha levada ao colo pela mãe, a negritude dos fundos e o jogo luz sombra. A lentidão enunciativa provoca por um lado uma sensação de dormência e por outro uma melancolia especulativa sobre cada lar que a coelhinha vai percecionando. Através das janelas iluminadas a criança observa comportamentos diversos, atenta em vozes que conversam, é cativada pelo odor de uma comida. O que se vê é sempre parcial mas a partir daí recriam-se quadros diversos, especialmente depois do momento em que a coelhinha é aconchegada pela mãe na cama. Seria expectável que tudo acabasse aí, agora que o repouso se materializa no conforto do quarto. Todavia também aqui há uma janela que se abre ao mundo e revela o que se segue nas casas por onde a família passou no regresso a casa, primeiro a mãe com a filha ao colo, depois também o pai que a leva no final do caminho. Nada parece indicar infelicidade, tensão ou mal estar neste quadro. Bem pelo contrário. Mas há uma espécie de contaminação pelos cinzas e os pretos que cobrem todas as imagens e as carregam com um peso oculto, o mistério do que não se vê. Também os tons de sépia, os rosas, azuis e verdes suaves não aligeiram este efeito.

Parece incongruente com os pormenores que cada ilustração oferece acerca das personagens no seu quotidiano: há quem receba alguém para jantar, quem adormeça com um livro no regaço, quem aprecie um banho de imersão, quem se despeça na escada do prédio depois da festa. Na verdade, há uma situação efetivamente triste, a da partida, mas outras há que levantam dúvidas: quem lava os dentes está saudoso de quem? Em que pensa o urso deitado na cama? A coelhinha muda de posição a dormir. Regressa o conforto. E uma perspetiva da cidade com o seu comboio, os seus prédios altos, as suas janelas. Pelo texto, regressa o risível, mas nada é mais certo: cada noite encerra em si algo de idêntico a todas as outras; cada noite é sempre especial. Essa dualidade faz deste álbum um objeto profundamente tocante na sua simplicidade. E, sobretudo, desconcertante.



Aqui é um bom lugar
Ana Pessoa
Joana Estrela
Planeta Tangerina

Como se lê este livro? Fragmentário, com pouca progressão narrativa, avança no tempo, na cronologia e consequentemente na biografia da narradora, Teresa Tristeza (para rimar). Teresa escreve e ilustra, às vezes a si própria, às vezes quem a rodeia, e ainda o espaço. Será este um modelo de diário de uma adolescente no século XXI, quando os adolescentes deixaram de escrever diários? Tem ou não este objeto (aceitando o pacto ficcional) as condições para ser catalogado ou considerado um diário?
Teresa desabafa, comenta, parafraseia e reproduz ditos da mãe, muitos, e outros que ouve por aí. Logo no início do caderno esboça um conjunto de planos a cumprir até ao final do ano letivo, desejavelmente o último da escola secundária. Parece que, pela associação livre de ideias e estímulos que a levam ao texto, Teresa diz pouco. Ao contrário. Apenas o faz por um caminho obtuso, mordaz, irónico, carregado de perspicácia e humor. É aliás nesse tom escrutinador de si própria que se reconhece a voz de Ana Pessoa. Depois da torrente narrativa da carta de Mary John a Júlio Pirata, provavelmente o melhor livro juvenil português da década, a escritora tinha entre mãos a dura tarefa de manter a identidade, a qualidade literária, a frescura e originalidade. Conseguiu. Aqui há também o mérito da ilustração, da paginação e do próprio design que tornam todas as partes compósitas deste livro num corpo uno: o diário de Teresa Tristeza. Joana Estrela capta a ironia com que a protagonista se representa pelo texto e logo lhe confere espaços de conforto no sofá, ecrãs que lhe devolvem o reflexo e a nós nos oferecem um retrato. Mais, acrescenta-se-lhe uma voz da imagem, já que a adolescente escreve e desenha. A leitura deste diário segue à letra o sentido de diário gráfico. O puzzle não está completo, e o que existe basta para acompanhar o 12.º ano de Teresa, saber quem é a sua melhor amiga, descortinar ciúmes, atentar em insatisfações em relação ao seu corpo, comprovar tensões e afetos familiares, acompanhar novas descobertas e intuir, já no dealbar do ano letivo, que talvez paire um encantamento. A certeza da mudança também não fica por dizer.

saramaguiana

Saramago veio apresentar A Caverna em Saragoça e os saragoçanos saíram à rua. Havia que apresentar o Nobel português a um auditório inebriado e entregue. O que dizer diante dessas centenas de pessoas? Parece que estamos sozinhos, todos. Não sei quantas, talvez duas mil pessoas não puderam entrar na sala, que se tornou absolutamente ínfima diante da avalanche – aqueles que conseguiram acesso, fizeram-no à custa de duas horas de fila ou mais. Eu olhava para Saramago e pensava o que é que se passa aqui? É tudo tão florescente, tão estranho.

MANUEL VILAS

FERVOR DE SARAGOÇA

As pessoas aplaudiam-no na rua como se aplaudissem, talvez, um Papa laico, Garibaldi durante a conquista de Sicília, o quinto integrante dos Rolling Stones, Che ou Gandhi regressados da utopia inacabada, Kafka caminhando pelo passeio a conversar com Gregor Samsa, ou Verdi cantando *La Traviata*.

Os dedos das mãos de Saramago são alongados e a suas unhas fazem adivinhar um austero cuidado com a manicure. Saramago costuma tocar na cabeça quando lhe dirigem uma pergunta. Parece olhar para uma tela distante onde poderia estar escrita alguma verdade. Magro e alto, com o rosto do pessimista que redime e acompanha aqueles que foram abandonados por tudo e por todos, passeou por Saragoça como um Gary Cooper do pensamento, da melancolia lusitana.

Confessa-se comunista diante do público, confessa-se ateu e confessa-se pessimista e reflecte em voz alta. E vejo uma mulher entre o público que assente com verdadeira devoção. Crê neste homem. Já ninguém crê em nenhum homem à exceção destes saramaguistas saragoçanos, que veem no autor de ***A Caverna*** uma autoridade moral, uma autoridade filosófica e um resplendor humano. Saramago, quando fala, gesticula com os dedos das mãos. Olha para as próprias mãos e nesse olhar parece que surge o ouriço da paciência, uma tranquila sala de espera, aquela que precede algum paraíso possível. Em seguida, Saramago fala, com esse vocalismo mestiço, do luso castelhanizado, do castelhano trespassado pela língua de Pessoa, nesse transe de confluências sonoras. Dá a impressão de que Saramago fala o antigo idioma que se cantava na corte de Alfonso X, O Sábio: uma língua românica doce e enigmática. Talvez Saramago desperte nos espanhóis o mistério de quando a península foi só península e não pátria, e as pessoas iam e vinham como pássaros, como javalis, como esquilos ou cabras.

Eu olho para Saramago. Centenas de pessoas olham para Saramago. Se Saramago dedica um livro a alguém quer saber o apelido desse alguém. Quer escrever o nome completo. Toma o seu tempo para dedicar os livros, mas é a única maneira de dedicar um livro de forma digna. As pessoas sabem que podem confiar em Saramago, que Saramago se importa com elas. E é verdade, Saramago importa-se com as pessoas. Dou-lhe um livro de uma amiga, para que o autografe, e pergunta-me por ela, quer saber quem é e porque deve dedicá-lo. Tenho umas páginas preparadas para falar dos seus romances, de Ricardo Reis, de Cipriano Algor, de Cristo, de Maria Madalena, do iberismo, da alegoria da cegueira, de Kafka, de Huxley, mas não tem sentido que diante da avalanche de pessoas eu me coloque a desfiar os segredos da literatura de Saramago. Olho essas pessoas, essas centenas de pessoas. Que estranha é a vida. Quando frutos maduros, humanos, dá o mundo?

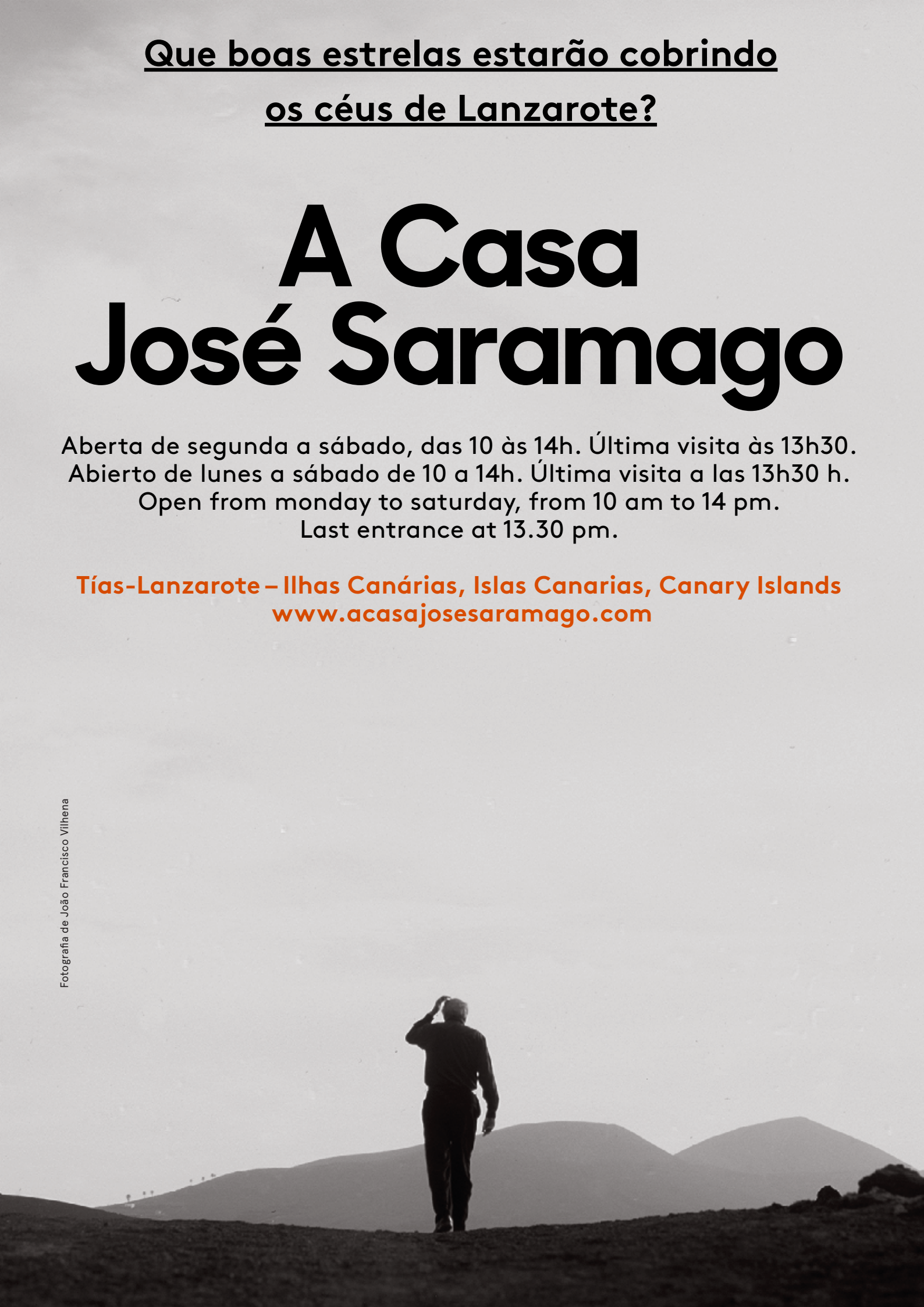
Saramago é uma celebração aberta da literatura. Saramago é o último congressista. Abram a porta, que entrem todos. Temos comida e bebida para milhares. Que um escritor, um artesão das palavras, entre no coração de milhares de pessoas não pode simbolizar outra coisa senão o triunfo absoluto da literatura e uma fé na vida que dá vertigem. Saramago disse-nos que é preciso confiar mais nas pessoas, que o mundo não está tão vazio, que as pessoas, de súbito, começam a andar. Saramago ensina que a literatura é uma longa e temerária comunicação com todo o mundo, com absolutamente todas as pessoas que foram o mundo, vivem numa cidade ou respiram o ar pervertido da terra. Casa aberta para todos a qualquer hora. Grande festa interminável. Como para não regressarmos a casa.

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



Fotografia de João Francisco Vilhena

Até 19 maio
Berenice Abbott

Exposição retrospetiva do trabalho da fotógrafa que registou algumas das mais intensas imagens de Nova Iorque no pós-crash da bolsa, em 1929. Barcelona, Fundación Mapfre. ▶

29 maio
Noite Fora: leitura e conversas sobre teatro

Na próxima edição deste ciclo, Sónia Barbosa convida Patrícia Portela para uma conversa que partirá da leitura de um texto teatral escolhido pela convidada. Viseu, Teatro Viriato. ▶

Até 30 junho
Susan Hiller – coleção de Serralves

À escuta no museu: a partir de uma jukebox, o público pode escolher ouvir, sentado em bancos desenhados pela artista e na ordem que entender, uma centena canções de teor político de várias épocas e geografias colecionadas por Susan Hiller. Porto, Museu de Serralves. ▶

Até 11 agosto
Vida? Ou teatro? Um singspiel

Exposição dos originais que compõem o livro homónimo de Charlotte Salomon, um dos mais extraordinários do século XX, uma reflexão sobre a vida, a sua imprevisibilidade e o seu absurdo, mas igualmente um ponto de viragem na Europa e no mundo antes do horror do nazismo. Lisboa, Museu Berardo. ▶

Até 25 agosto
Rosana Paulino: a costura da memória

Exposição individual da artista brasileira cujo trabalho se cruza com questões de ordem social e política. Rio de Janeiro, Museu de Arte do Rio. ▶

BANDEIRA DA EUROPA, 1986

Até 26 agosto
Yendo leyendo, dando lugar

Primeira grande exposição retrospetiva do trabalho de Rogelio López Cuenca, onde a poesia, as artes visuais e os meios de comunicação se cruzam. Madrid, Museo Reina Sofía. ▶

2 a 12 maio
Indie Lisboa

16ª edição do festival de cinema independente de Lisboa, com filmes em competição e uma vasta programação paralela (que inclui o Indie Júnior, para os mais novos). Lisboa, vários locais. ▶

TREASURE ISLAND, GUILLAUME BRAC

9 a 26 maio
FIMFA

Regressa o festival anual dedicado às marionetas e as formas animadas, com espetáculos espalhados por vários locais da cidade de Lisboa. Lisboa, vários locais. ▶

Aquele homem grande, de cabelos brancos e rosto castigado, seu pai, era também como um filho, saberá pouco da vida quem isto se recuse a entender, as teias que enredam as relações humanas, em geral, e as de parentesco, em particular, sobretudo as próximas, são mais complexas do que parecem à primeira vista, dizemos pais, dizemos filhos, cremos que sabemos perfeitamente de que estamos a falar, e não nos interrogamos sobre as causas profundas do afecto que ali há, ou a indiferença, ou o ódio

A Caverna